

Aumenta a tensão na Gleba Suiá-Missu

Os trabalhadores rurais que há três anos ocupam parte de uma área da fazenda Suiamissu, distante três quilômetros do Município Alto Boa Vista, no Médio Araguaia, estão em pé de guerra e interditaram ontem o entrocamento da BR-158 com a BR-163, tentando impedir que a Funai consiga demarcar na região a reserva indígena Xavante de 160 mil hectares, cujo raio de abrangência atingiria o local onde eles estão instalados. O prefeito de Alto de Boa Vista, Aldecides Milhomen Siqueira, que não foi localizado pela reportagem, teria decretado estado de calamidade no Município e viajado ontem para Brasília, onde pretende se encontrar com o presidente Fernando Henrique Cardoso e tentar encontrar uma solução para o conflito.

A informação sobre a situação na região, que fica distante 1.100 quilômetros de Cuiabá, quase na divisa de Tocantins com o Pará, chegou à nossa redação através de um telefonema dado pelo ex-vereador de Alto de Boa Vista, Osmar Kalil, atualmente trabalhando na Secretaria Municipal de Fazenda. Ele disse que o conflito envolve mais de 700 famílias de lavradores, que se armaram com pás, foices, enxadas e facões na tentativa de impedir a demarcação da área. Afirmou também que o clima de tensão aumentou porque chegaram à região 12 policiais federais designados para dar segurança à equipe de uma empresa de demarcação contratada pela Funai. Os lavradores interditaram o entrocamento da BR-158 com a BR-163, tentando impedir que os responsáveis pela demarcação chegassem até a fazenda. Mas os policiais e a equipe conseguiram chegar ao local através de um desvio.

Segundo Kalil, vários requerimentos já foram encaminhados à Funai pelas autoridades do Município, no sentido de que os trabalhadores rurais fosse deixados na terra. "Eles já têm várias plantações e estão perfeitamente integrados à terra. A Funai quer criar a reserva para apenas 70 Xavantes, que abandonaram a região em 1958", disse Kalil. Na semana passada o prefeito Aldecides Milhomen Siqueira esteve em Cuiabá, como intermediário dos posseiros com a Funai. O ex-vereador acredita até que possa haver derramamento de sangue entre os trabalhadores rurais, os demarcadores e os agentes da polícia federal.



Jair Mariano e André Jacob, com posseiros de Mirassolzinho: retorno sem conflito

Mirassolzinho está resolvido

As 64 famílias que foram obrigadas pela Justiça Federal a desocupar a Gleba Mirassolzinho II, no município de Jauru (Nordeste do Estado), desde a última sexta-feira, começaram ontem à tarde a retornar às suas casas, utilizando caminhões da prefeitura local.

O retorno ao lar foi garantido na última quarta-feira, pelo Incra (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) com os proprietários da área, de 2.000 hectares, distante 40 quilômetros da sede de Juará. As negociações aconteceram na sede do Intemat (Instituto de Terras do Estado). O acordo tornou sem efeito a liminar que determinava a retirada dos agricultores.

Os 20 agentes federais e os dois oficiais de Justiça enviados no início da semana ao local,

pelo juiz da 3ª Vara Federal de Justiça do Estado, Rubens Martinez, para garantir a retirada das famílias, ontem já haviam saído da Gleba. Um dos oficiais de Justiça chegou a atear fogo na sede da Associação dos Produtores de Mirassolzinho II.

De acordo com o que ficou acertado, os proprietários da Gleba, José Sebastião de Queiróz e Cleusa Correa de Paula, receberão R\$ 600 mil pela área em litígio, e que vinha sendo ocupada pelas famílias desde 90. O preço de compra representa 50% abaixo do praticado no mercado imobiliário.

Na Gleba, além do algodão, as famílias cultivam feijão, arroz e milho, que são comercializados em Jauru. Cada família tem direito a uma área de oito alqueires. Os deputados Wilson Santos, José Lacerda,

Luiz Soares e Eliene Lima chegaram a tempo ontem de presenciar a volta das famílias à Gleba Mirassolzinho II.

O deputado José Lacerda analisou a iniciativa de uma forma mais suscinta: "Foi um ato heróico de um verdadeiro representante do povo, e defensor de suas causas", resumiu. Para Luiz Soares, o acordo vai permitir que outros problemas idênticos ao de Mirassolzinho II sejam solucionados nos próximos tempos. Eliene Lima taxou o fim do drama dos agricultores como obra de um governo com compromissos com o social.

O presidente do Intemat, Jair Mariano, garantiu que o próximo passo do Governo do Estado é lutar para garantir a titulação das terras da Gleba Mirassolzinho II ao menor espaço de tempo possível.

VIDE - VERSO

Técnicos da Empaer orientam os índios

Para os índios de Mato Grosso receberem tecnologia agrícola simples, o coordenador de Assuntos Indígenas do Estado - Caiemt, Ademir Gudrim, convocou a segunda reunião com a diretoria da Empaer, Funai, Prodeagro e PNU - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, que visa a capacitação técnica e que representa o Banco Mundial -, na tarde de ontem (30), na Empresa de Pesquisa e Assistência de Extensão Rural.

O Projeto vai agregar aos técnicos da Empaer, uma qualificação indigenista para que os mesmos estejam em condições de atuar nas Administradoras da Funai - são oito - e repassar aos índios condições de auto-sustentação. Três dos projetos para Áreas Indígenas do Prodeagro, já foram aprovados em Brasília e os recursos devem ser repassados em maio deste. Além disso, os técnicos da Empaer vão atuar em 10 diferentes Projetos, também do Prodeagro, cada qual de 30 mil dólares. Estes projetos não incluem agricultura mecanizada e nem criação de gado, erro que cometeu o Polonoeste, avaliam os indigenistas e técnicos. São projetos simples, como por exemplo a piscicultura em tanques, Casa da Farinha, etc. Tudo de acordo com a realidade de cada Aldeia.

Ademir Gudrim explica a importância do Projeto: "Um dos maiores problemas da Saúde, em Áreas indígenas hoje, é determinada pela alimentação. Temos determinadas áreas que os índios estão se alimentando basicamente de amido, mandio-

ca, inhame e batata. Não adianta termos uma equipe médica na Área indígena se não cuidarmos da alimentação adequada aos povos indígenas. Isso está gerando consequências fortes. Há muitos casos de tuberculose entre os índios e até de Hanseníase. Tudo porque eles perderam sua alimentação natural".

A Coordenadoria de Assuntos Indígenas irá trabalhar junto aos órgãos do Governo para resolver problemas específicos, como nesta parceria com a Empaer, vem colocar na prática o Plano de Metas do Governo, no item Povos Indígenas.

Carlos Alberto Simões Arruda, diretor de Operações da Empaer, afirmou querer urgência no treinamento dos técnicos para que atuem junto as Áreas Indígenas. Ele lembrou: "O primeiro ofício protocolado na Empaer em agosto do ano passado, solicitando uma primeira reunião para se discutir a tecnologia agrícola simples aos índios, não foi sequer respondido. Isso porque no Governo passado não havia vontade de fazer. Nós temos a vontade de fazer e vamos fazer".

A próxima reunião, já marcada para o dia 18 vai analisar o resultado dos grupos de trabalho que a partir de hoje discutem os meios para que a capacitação dos técnicos seja realizada, define em que áreas indígenas eles atuarão primeiro e estabelece o convênio de cooperação técnica que será assinado entre a Caiemt, Empaer e Funai.

Alemães vão prestar auxílio

Um projeto para viabilizar a comercialização de bananas e um plantio agrícola bem mais diversificado foi entregue na Comunidade Kolping, Lutz Kunzler, pelos índios Xavante da Área Indígena Marimbu, cacique Francisco Prokhôpa e Ticiano Buwawi. Segundo o Coordenador de Assuntos Indígenas do Estado de Mato Grosso, Ademir Gudrim, que busca parcerias para a resolução dos problemas imediatos das Áreas, caso esta parceria dê resultados satisfatórios outros Projetos serão elaborados. "Um deles é a construção e manutenção de uma escola agrícola profissionalizante na Área Marimbu, evitando os problemas que os índios enfrentam nas cidades. Alguns acabam sendo levados às drogas e a prostituição", esclareceu.

Os Xavantes são um pouco mais de cinco mil e vivem na região do Médio Araguaia. Eles estão localizados nas proximidades de Barra do Garças, Água Boa, Xavantina, General Carneiro e outras. A Área Marimbu tem como cidade mais próxima, a 65 quilômetros, Primavera do Leste. A escola mais próxima da Área, um colégio salesiano, fica na Reserva de Sangradouro, a 45 quilômetros de Marimbu. "Eles estão tendo muitos problemas. Mu-

tas Áreas não têm água potável, possuem poucas terras produtivas, a caça e a pesca estão escassas. Com este projeto, mais o da escola agrícola, objetivamos a princípio, a permanência do índio na área e a diversificação de culturas agrícolas", explicou.

A Comunidade Kolping, organização católica alemã, foi criada em 1849 e começou a atuar em Mato Grosso em 1986. Atualmente, atende em Cuiabá, no CPA - III - Setor 4, 180 crianças e 400 adultos diretamente. A escola oferece cursos profissionalizantes de costura, cabelereiros, culinária e música. O presidente da Comunidade, em Cuiabá, Nazil Alves da Silva afirmou que o trabalho abrange várias comunidades.

No Projeto Marimbu os Xavantes incluíram a necessidade de uma camioneta. O cacique Prokhôpa explicou que o veículo de transporte terá a grande utilidade para transportar sementes, no início do processo de diversificação. Mas, objetivamente será usado para transportar doces.

Na Área Marimbu existem atualmente 80 índios, numa situação complicada devido a pouca diversificação da cultura agrícola, falta de atendimento médico, falta de escolas e transporte.